



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ELIANE PICOLI
TAINÁ LETÍCIA BOSA**

**A EXISTÊNCIA OU NÃO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO
ENSINO APRENDIZAGEM DE ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA OU
VISUAL: ASSIM PENSAM OS EDUCADORES DE CHAPECÓ**

**CHAPECÓ
2017**

**ELIANE PICOLI
TAINÁ LETÍCIA BOSA**

**A EXISTÊNCIA OU NÃO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO
ENSINO APRENDIZAGEM DE ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA OU
VISUAL: ASSIM PENSAM OS EDUCADORES DE CHAPECÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado a Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. MSc. Carlos Roberto França

CHAPECÓ

2017

ELIANE PICOLI

**A EXISTÊNCIA OU NÃO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO
ENSINO APRENDIZAGEM DE ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA OU
VISUAL: ASSIM PENSAM OS EDUCADORES DE CHAPECÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado a Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof^o MSc. Carlos Roberto França

Esse trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 12/07/2017

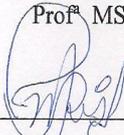
BANCA EXAMINADORA



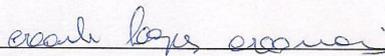
Prof^o MSc Carlos Roberto França



Prof^a MSc Lucélia Peron



Prof^a MSc Mara Cristina Fortuna da Silva



Prof^a Marli Lopes Mariano

TAINÁ LETÍCIA BOSA

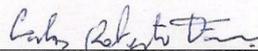
**A EXISTÊNCIA OU NÃO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO
ENSINO APRENDIZAGEM DE ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA OU
VISUAL: ASSIM PENSAM OS EDUCADORES DE CHAPECÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado a Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof^o MSc. Carlos Roberto França

Esse trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 12/07/2007

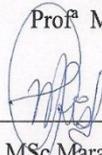
BANCA EXAMINADORA



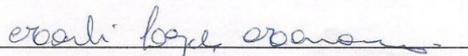
Prof^o MSc Carlos Roberto França



Prof^a MSc Lucélia Peron



Prof^a MSc Mara Cristina Fortuna da Silva



Prof^a Marli Lopes Mariano

RESUMO

A presente pesquisa tem por finalidade analisar a existência ou não da contação de histórias voltadas para crianças com deficiência auditiva ou visual, que se encontram nos anos iniciais do ensino fundamental, do município de Chapecó/SC. Tendo como problemática a utilização de contos e histórias infantis nos processos de alfabetização e letramento nos anos iniciais e como isso ocorre em uma turma inclusiva, com aluno que possua deficiência auditiva ou visual. Objetiva-se verificar nesta pesquisa, se ocorre ou não a contação de histórias adaptadas nas escolas estaduais no município citado, bem como verificar os modos que as mesmas são desenvolvidas pelos professores. Este estudo ocorreu através de entrevistas estruturadas, da compilação dos dados e análise qualitativa dos mesmos.

Palavras-chave: Histórias infantis. Educação inclusiva. Anos iniciais.

ABSTRACT

The present research has the purpose of analyzing the existence or not of storytelling aimed at children with hearing or visual impairment, who are in the initial years of elementary education, in the city of Chapecó / SC. Having as problematic the use of stories and children's stories in the processes of literacy and literacy in the early years and how this occurs in an inclusive class with a student who has hearing or visual impairment. The aim of this research is to verify whether the occurrence of stories adapted in state schools in the city cited, as well as verify the ways in which teachers develop them. This study was carried out through structured interviews, data compilation and qualitative analysis.

Keywords: Children's stories. Inclusive education. Elementary education

RESUMEN

La presente investigación tiene por finalidad analizar la existencia o no de la cuenta de historias dirigidas a niños con deficiencia auditiva o visual, que se encuentran en los años iniciales de la enseñanza fundamental, de la ciudad de Chapecó / SC. En los años iniciales, como problemática la utilización de cuentos e historias infantiles en los procesos de alfabetización y letras en los años iniciales y cómo esto ocurre en una clase inclusiva, con un alumno que posea deficiencia auditiva o visual. Se busca verificar en esta investigación, si ocurre o no la cuenta de historias adaptadas en las escuelas estatales en la ciudad citada, así como verificar los modos que las mismas son desarrolladas por los profesores. Este estudio se produjo a través de entrevistas estructuradas, de la compilación de los datos y análisis cualitativo de los mismos.

Palabras clave: Historias infantiles. Educación inclusiva. Años iniciales

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa busca identificar a existência ou não da contação de história para turmas regulares em que estão inclusos alunos com deficiência auditiva ou visual, buscando entender como se dá o processo da contação da história, bem como a metodologia e os recursos adaptados utilizados pelos professores no decorrer das suas aulas. Para isso, nos direcionamos as escolas estaduais do município de Chapecó.

Parte-se da problemática de que a contação de história é algo fundamental no processo de alfabetização e letramento, e dessa forma necessita ser adaptada para os alunos com deficiência auditiva ou visual. Da mesma forma que foi questionado no estágio realizado nos anos iniciais, percebeu-se que os professores dedicavam seu tempo de aula para leitura de histórias, tanto na biblioteca, quanto em sala. Constatou-se também que os alunos gostavam desses momentos. Mesmo não havendo nenhuma criança com deficiência auditiva ou visual na turma, questionou-se: como seria a contação de história para essas crianças em turmas regulares inclusivas?

Dessa forma, buscou-se a inserção no contexto das escolas estaduais de Chapecó, em turmas inclusivas dos anos iniciais, para se conhecer o processo de integração dessas crianças e compreender como o professor envolve seus alunos nos momentos de contação de histórias, caso exista esta metodologia.

Com essa investigação, objetiva-se contribuir com os processos de ensino e aprendizagem a partir das indicações da contação de histórias, caso esta não exista e desta forma contribuir para que ocorra a inclusão de forma efetiva e não somente para constar nas estatísticas escolares. Buscou-se, deste modo, elencar os materiais utilizados ou não, e assim contribuir com os alunos com deficiência auditiva ou visual incluídos e com os demais a partir da socialização que esses eventos acabam promovendo.

Diante disso, definiu-se como objetivos específicos identificar se é utilizada ou não a contação histórias e como estão sendo contadas para os alunos com deficiência visual ou auditiva. Identificar os materiais que são utilizados para contação de história. Valorizar a importância da leitura e contação de história para crianças. Apontar a existência ou falta de produções acadêmicas que enfatizem a contação de histórias para crianças com deficiência auditiva ou visual, bem como a indicação da contação de história para turmas inclusivas.

A pesquisa se baseia nos apontamentos teóricos e metodológicos de diversos autores. Ao se referir sobre contação de história é utilizado Moraes (2012) e Lima (2014). Sobre o desenvolvimento e aprendizagem utilizou-se Vygotsky (1991), Bastos (2014). Referente ao

processo histórico das deficiências, Gugel (2007), Bruno (2013), Lei e Decretos de Inclusão, Constituição (1988) e no processo de aprendizagem nos anos iniciais Bruno (2013) e as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013). Para estudo e análise das entrevistas Gil (2010). Bem como outros artigos e teóricos que abordam a temática da contação de história e da inclusão escolar.

Foram realizadas entrevistas estruturadas com os professores que trabalham com os alunos com deficiência auditiva ou visual, buscando saber qual é a metodologia utilizada no momento da contação de história. Realizou-se uma análise qualitativa dos dados, em que foi identificado a existência da contação de história de forma aprofundada por algumas professoras, sendo que em outras não, de forma a ser esclarecido ao decorrer desse trabalho.

2. O ATO DE CONTAR HISTÓRIA É UMA FORMA DE ABRIR JANELAS

A contação de história é uma das mais antigas formas de comunicação utilizada, podendo ser passada de geração em geração, ocorrendo formas diferentes de registros, assim, entende-se que é fácil a compreensão e assimilação das informações que pretende-se transmitir.

Para maior aprofundamento sobre a temática, foi realizada uma breve pesquisa no Portal de Periódicos da CAPES, com o termo de pesquisa Contação de História. Foi localizado 73 teses e dissertações, mas apenas duas se enquadram na temática contação de história para alunos com deficiência auditiva ou visual, que são da Pedroso (2014) e Schulze (2015) que estão voltados para a deficiência auditiva.

Também foi realizado mais buscas, de forma livre, em diferentes sites acadêmicos, sendo localizados artigos como da Lima (2014), Bessas e Cardoso (2011), Vasconcellos (2014), que tratam também da deficiência auditiva.

Na vivência dá prática, nota-se que existe uma diversidade de recursos que podem ser usados em benefício da produção de histórias, desde os simples aplicativos como o word e o power point, até recursos computacionais mais utilizados no exterior como o Storytelling.

Entende-se que todas as crianças, mesma as com deficiências, são capazes de desenvolver brincadeiras de faz de conta, de acordo com suas limitações. Porém, para que isso aconteça, é necessário que possuam vivências, contato com as pessoas, é preciso que ouçam e toquem objetos ou figuras em relevo, que pertençam, ou façam parte da história ouvida, das mais diferentes formas possíveis. Por meio disso, espera-se que elas sejam capazes de conhecer o mundo de formas diferentes, e vivenciar a criação de outros mundos em suas brincadeiras, através daquilo que ouviram, enxergaram e sentiram.

A partir de cada particularidade dos alunos com deficiência, precisa-se saber que o aluno Surdo, vai depender do visual para desenvolver a compreensão da história, mesmo que, utilizando Libras, que é algo visual. Necessita-se entender, que a partir de uma história, pode-se ensinar conteúdos, a produzir e interpretar textos, dobraduras, desenhos, entre outros. Sem contar, que faz a substituição dos programas de televisão, tendo objetivo e foco, para as imagens que serão utilizadas de forma educativa.

Lima (2014) desenvolveu uma pesquisa com dois professores de alunos Surdos e dois pais de crianças Surdas, resultando no artigo “A utilização e os métodos de recursos visuais na contação de histórias para crianças surdas”. Em todo o texto, apresenta claramente a importância da história para as crianças, as metodologias que podem ser utilizadas, como é citado em seguida.

Em casa, nas escolas especiais ou escolas regulares, a contação de histórias é uma ferramenta de grande valor cultural, social, psíquico, cognitivo, artístico e pedagógico, que proporciona à criança muito mais que um simples momento lúdico e prazeroso, mas um infinito e consistente baú recheado de informações de si próprio, da escola, da sociedade onde vive, da realidade e da fantasia, [...] (LIMA, 2014, p. 4)

Nessa perspectiva, toda criança tem direito de ver o mundo e de conhecê-lo. A realidade de um Surdo e de um Cego é totalmente diferente, pois para pessoas com deficiência visual é fundamental a utilização da audiodescrição¹ e do tato para poder acompanhar as histórias, os teatros, as imagens, entre outros. Já para um aluno Surdo, precisa-se de um tradutor de libras² ou intérprete³ e materiais visuais. Esta são formas básicas para o desenvolvimento cognitivo e intelectual desses alunos

“A arte de brincar com as palavras”, segundo Moraes (2012, p. 9), se refere a contação de histórias em seu livro. Neste instante, nos questionamos se essa “arte” é conservada nas escolas.

Nos estudos pode-se admitir, o quanto somos desconhecedores de técnicas sobre a atividade do contador de histórias para crianças com deficiência auditiva ou visual. Apesar do prazer em fazer, ainda falta muito para aperfeiçoar as técnicas e métodos. Busca-se um

¹ Audiodescrição: é a descrição de imagens em tempo real, para que a pessoa Cega compreenda o que ocorre durante as falas, fatos ou contextos apresentados. Disponível em: <<http://audiodescricao.com.br/ad/o-que-e-audiodescricao/>>. Acessado em: 22 de jul. de 2017.

² Tradutor de Libras: traduz a palavra escrita de um idioma para Libras, que se encontram em livros, sites, documentos... Disponível em:< <http://atpmg.com.br/qual-diferenca-entre-o-tradutor-e-o-interprete/>>. Acessado em: 22 de jul. de 2017.

³ Intérprete: É a pessoa que trabalha com a palavra falada. A comunicação ocorre em tempo real, pois o que está sendo falado será traduzido para a Língua de Sinais. Disponível em:< <http://atpmg.com.br/qual-diferenca-entre-o-tradutor-e-o-interprete/>>. Acessado em: 22 de jul. de 2017.

complemento do trabalho estudado e um fortalecimento e estímulo para as professoras, principalmente as que possuem alunos com deficiência auditiva e visual.

Durante a leitura de Moraes (2012), tratando do espaço onde ele ministrava as aulas de contação de histórias, foi afirmado que o ambiente foi muito favorável para desenvolver esse trabalho lúdico. Neste instante voltamos em nossas memórias, os locais por onde passamos, nossas escolas e suas salas de aula, o que não pareceu-nos atrativo para uma contação de história.

Todas as vezes que se vê peças teatrais e contações de histórias, apresentadas profissionalmente, sente-se diferentes sensações que são produzidas planejadamente. No entanto, em nossas salas de aula, seríamos capazes de causar diferentes sensações e emoções para um público tão diferenciado?

Acredita-se que sim, pois quando confia-se na capacidade de fazer ou realizar, um grande percurso foi conquistado. Precisa-se estar motivado e ciente de que alunos necessitam de momentos diferenciados para ocorrer o aprendizado. Partindo sobre os estudos de Bastos (2014),

A perspectiva vygotskiana também ressalta o fundamental papel da aprendizagem como mola propulsora do desenvolvimento humano, marcada e influenciada pelo meio cultural. Aprendemos com os outros, num processo de contínua interação, numa determinada sociedade, e por isso nosso aprendizado é diferenciado. (Bastos 2014, p. 60)

Diante disso, da expectativa que se cria nessa janela que se abre para a ludicidade e a vivência da infância com a aprendizagem, pensamos o quanto é importante para um educando com deficiência auditiva ou visual, poder sentir ou ouvir histórias, estimulando diferentes sentidos, proporcionando maior desenvolvimento cognitivo e sensorial. De acordo com Vygotsky (1991),

Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (intersicológica), e, depois, no interior da criança (intrapicológica). Isso se aplica igualmente para a atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos. (VIGOTSKY, 1991, p. 41)

“O ato de contar histórias enquanto expressão artística é um ato de criação” (MORAES, 2012, p. 17). Muito se fala da desmotivação do professor em sala de aula, porém, pode-se tornar esse lugar seu palco, onde as histórias invadem a mente das crianças, dessa forma possui-se uma plateia que vai adorar viajar para o outro lado da janela imaginária. Acredita-se que assim existem apenas ganhadores, professores motivados e alunos apaixonados pela sala de aula.

É importante que o professor conheça a história do começo ao fim, para que possa falar do lugar ou da cultura com uma determinada certeza de informações corretas. Da mesma forma, que Moraes (2012) trata, que a contação de história pode ser adaptada, desde que mantenha sua essência e referenciando o autor original.

Com todas essas informações o professor pode recriar e enriquecer a história, além disso, pode centralizar mais nas expressões e entonações da voz, do contexto na qual está narrando, podendo assim viajar no mundo da imaginação e construir cenários para a história. Com esse conjunto de informações e criações o professor perde a insegurança e o medo caso possua.

Moraes (2012) revela, que é fundamental ter um espaço aconchegante e silencioso para a realização da contação da história, para que os ouvintes consigam ter mais foco no contexto. Além disso, é importante também ter cuidado para contar a história para públicos com faixas etárias adequadas. Deve se ter uma grande atenção, com esses pequenos detalhes, para que o público saia satisfeito bem como o narrador da história. Temos como exemplo de possibilidade para contação de história, o espaço da Ludoteca, localizada na própria Universidade Federal da Fronteira Sul, sendo este um laboratório de estudos interdisciplinares, com a possibilidade da participação de crianças, como forma de aplicação de práticas educacionais.

Fotografia 1 - Ludoteca da Universidade Federal da Fronteira Sul



Fonte: Acervo pessoal das acadêmicas⁴

É imprescindível que durante a história e ao final dela, o narrador converse e faça perguntas para os ouvintes, para que possam ter a compreensão e o conhecimento da história que foi contada. Conforme Moraes (2012) afirma:

Uma conversa antes da história pode se fazer necessária para que sejam apresentados certos animais ou seres mitológicos menos comuns que façam parte do enredo; para que se realize um levantamento dos conhecimentos prévios dos ouvintes; ou mesmo para que se promova um ambiente descontraído e comum. (MORAES, 2012, p. 51)

É importante destacar que quando alguém conta uma história, a mente, o visual e a audição viaja no passado e no futuro, ela revive e recria suas experiências e criações. Quando não se tem lembranças da história, é porque não houve atenção, não foi apreciada a narração.

⁴ Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Chapecó/SC, Laboratório 2, 2016.

A memorização e compreensão de uma história ocorre de diferentes formas. Quando alguém tem memória visual, ela concentra sua atenção para as ilustrações. Aqueles que tem memória auditiva, dedicam atenção na sonoridade da voz e da história. Dessa forma, é necessário que se adapte as histórias para que ambos possam se aprofundar no conhecimento destas histórias. Podendo tocar ou manusear a história e os demais recursos, para conhecê-los. Dessa forma, os alunos com deficiência auditiva precisam do visual para a compreensão da narração, já o aluno com deficiência visual é necessário estimular auditivamente e no toque dos objetos.

3. O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DAS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA OU VISUAL NOS ANOS INICIAIS

Sabe-se que desde a pré-história, as crianças com qualquer deficiência, eram abandonadas, pois precisava-se de pessoas capazes de caçar e coletar para a alimentação do grupo. De acordo com Gugel (2007), isso foi comum por muitas gerações, quando crianças nasciam com alguma deficiência, os pais e a comunidade em geral acreditavam ser castigo de Deus, criação do demônio, dessa forma as matavam ou as abandonavam. Com a estruturação da Igreja Católica, iniciou-se o processo de acolhimento e uma percepção humanizada das pessoas com deficiência, pois acreditava-se que deste modo alcançariam a salvação.

Conforme Gugel (2007), a partir do século IV, surgiram os primeiros hospitais que receberam essas pessoas com deficiências. O Cristianismo, que despontou no Império Romano era voltado para a caridade e o amor, e atendia pessoas pobres e com deficiência, que eram acolhidas, alimentadas e cuidadas.

A partir do século XVIII teve-se uma compreensão sobre as deficiências, na qual parou-se com as torturas e começou-se a dar valor a essas pessoas. Neste período, os cientistas se dedicaram as pesquisas, visando levantar os motivos de cada deficiência e fornecer tratamento.

Após o século XX foram instituída a formação educacional nas escolas para as pessoas com deficiência, a qual passou a ser tema de conferências dos congressos, das políticas públicas e educacionais, o reconhecimento e a inclusão na sociedade em geral. Em âmbito nacional há valorização da educação para pessoas com deficiência auditivas e visuais, fatos que ocorreram a partir da criação do Instituto Benjamin Constant e do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

O início da escolarização de pessoas com deficiência visual, foi com o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, fundada pelo Imperador Dom Pedro II, no ano de 1854, pelo decreto n.º

1.428, a partir de influências europeias e idealizado através do sonho de um adolescente cego José Álvares de Azevedo, que já com conhecimento educacional, contribuiu para a não exclusão social das pessoas cegas. Atualmente esse local recebeu o nome de Instituto Benjamin Constant⁵ (IBC), que está ligado diretamente com o Ministério da Educação, é um centro de referência nacional na área da deficiência visual, que capacita profissionais, assessora instituições públicas e privadas, trabalha na reabilitação de pessoas em processo de perda de visão, presta serviços médicos para pessoas com deficiência visual e possui um imprensa Braille.

Neste instituto a formação perpassa desde a educação infantil até o nível superior, para alunos cegos. Possuem um grande destaque nos esportes, também tendo como formação desde a educação infantil, aulas de músicas, possuindo um coral de grande conceito.

O IBC, tem um programa de atendimento e apoio ao Surdocego, destinado a pessoas maiores de 16 anos, trabalhando o soroban, o Braille e a comunicação. Desfrutando de uma parceria como o Instituto Federal do Rio de Janeiro, no curso técnico de Massoterapia. O Instituto Benjamin Constant também oferece cursos e oficinas para outras instituições.

Possui uma gráfica que iniciou em 1857. Em 1943, iniciou a escrita com o Braille se tornou grande responsável na difusão da leitura e conhecimento para os Cegos ou Baixa Visão. Recebeu o nome de Revista Brasileira para Cegos (RBC), que inicialmente escrevia para adultos, depois criou-se uma versão infantil e uma plataforma de publicações no nível superior, atualmente é distribuído e acessado por toda a América Latina. Sem poder ignorar, os trabalhos médicos (clínico geral, oftalmológico, odontológico e nutricional) com atendimento interno e externo e o Núcleo da instituição que promove a inserção de pessoas Surdocegas, cega e com baixa visão no mercado de trabalho - NUCAPE.

Em relação as pessoas com deficiência auditiva, foi fundado o Imperial Instituto de Surdos Mudos, inaugurado em 1856, oferecendo educação intelectual, moral e religiosa, para pessoas com deficiência auditiva. Pela iniciativa de um francês, E. Huet, estudioso e professor na França. Os alunos eram mantidos tanto com recursos privados como do próprio império. Atualmente esse local é chamado Instituto Nacional de Educação de Surdos⁶ (INES), no Bairro de Laranjeiras - Rio de Janeiro/RJ.

É uma referência nacional, com um Colégio de Aplicação (CAp\INES), partindo da educação infantil ao ensino médio, sendo este um local de estudo da prática educativa e

⁵ Todas as informações sobre Instituto Benjamin Constant, estão disponível em: <http://www.ibc.gov.br/>.

⁶ Todas as informações sobre Instituto Nacional de Educação de Surdos, estão disponíveis em: <http://portal.mec.gov.br/ines>

desenvolvimento de recursos educacionais. Possui uma universidade bilíngue, atendendo os cursos de graduação de pedagogia e letras, Pós-Graduação *Lato Sensu e Stricto Sensu* (Mestrado). Também contribui na construção e distribuição de instrumentos técnicos e materiais fonoaudiológicos e pedagógicos, para várias mídias. O INES, possui grande importância na formação de Surdos, na qualificação e formação de profissionais na área da Surdez.

O Instituto Nacional de Educação de Surdos, possui atendimento ao público interno (avaliação audiológica) e externo (detecção de surdez precoce, audiometria e indicação e adaptação de próteses). Também acontecem orientações aos responsáveis de um Surdo, encaminhamento pedagógicos e fonológicos. É disponibilizado Cursos de Língua Brasileira de Sinais (Libras), gratuito ao público, todos os semestres, contendo cinco módulos. A partir de 2011, o INES com parceria da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), realizam o Programa Nacional para Certificação de Proficiência em Libras. Outras parcerias foram com a Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto (Acerp), com a primeira webTV em Libras.

De acordo com Bruno (2013), a partir de 1960/70, houve a abertura de diversas Instituições e Escolas Especiais. Já no decorrer de 1980 foi integrado em outros Estados, sob influência de São Paulo, as modalidades de Sala de Recursos e Ensino Itinerante.

Em termos de legislação brasileira, a Constituição (1988) garante no Artigo 205 que, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. No Artigo 208, inciso III, refere-se o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;”. Esse atendimento é voltado para colaborar com recursos pedagógicos, para organização e elaboração das práticas dos professores, o que proporciona a participação integral do aluno com deficiência.

Diante dessa conquista de direitos, as leis começaram a surgir em favor das pessoas com deficiência. A lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, ampara os Cegos, afirma que:

I - Acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida; (LEI Nº 10.098, 2000)

A lei nº 12.266/2010, no seu artigo 2, fomenta ações de educação, habilitação, profissionalização e reabilitação de Cegos, sendo um de seus focos a produção de textos em Braile.

No Decreto nº 3.956, de 8 de outubro de 2001, elimina todo ou qualquer tipo de discriminação contra pessoas com deficiências, no artigo I desta lei é explicado a diferença entre discriminação e a integração social, como é citado a seguir,

- a) o termo "discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência" significa toda diferenciação, exclusão ou restrição baseada em deficiência, antecedente de deficiência, conseqüência de deficiência anterior ou percepção de deficiência presente ou passada, que tenha o efeito ou propósito de impedir ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício por parte das pessoas portadoras de deficiência de seus direitos humanos e suas liberdades fundamentais.
- b) não constitui discriminação a diferenciação ou preferência adotada pelo Estado Parte para promover a integração social ou o desenvolvimento pessoal dos portadores de deficiência, desde que a diferenciação ou preferência não limite em si mesma o direito à igualdade dessas pessoas e que elas não sejam obrigadas a aceitar tal diferenciação ou preferência. Nos casos em que a legislação interna preveja a declaração de interdição, quando for necessária e apropriada para o seu bem-estar, esta não constituirá discriminação. (CONSTITUIÇÃO, Decreto nº 3.956, 2001)

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais - Libras, como meio de comunicação oficial para a comunidade Surda. Já Decreto nº 5.626, de dezembro de 2005, trata

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras. (DECRETO nº 5.626, 2005)

Vale ressaltar que toda pessoa com deficiência visual ou auditiva, lutam pelos seus direitos na sociedade. Para que essas pessoas ingressem em uma escola ou instituição é preciso que a mesma, seja adequada e que sejam bem acolhidos com profissionais da área, além de materiais adaptados para que possam acompanhar as aulas.

A educação é um direito de igualdade, seja ela civis, políticas e sociais. A escola precisa respeitar essas diferenças, para que desta forma a educação seja universal, que se torne um ambiente educativo voltado para a alfabetização e letramento, além de conhecimentos adquiridos de várias formas possíveis. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013), é correto afirmar que:

Os direitos civis, políticos e sociais focalizam, pois, direta ou indiretamente, o tratamento igualitário, e estão em consonância com a temática da igualdade social. Já o direito à diferença busca garantir que, em nome da igualdade, não se desconsiderem as diferenças culturais, de cor/ raça/ etnia, gênero, idade, orientação sexual, entre outras. Em decorrência, espera-se que a escola esteja atenta a essas diferenças, a fim de que em torno delas não se construam mecanismos de exclusão que impossibilitem a concretização do direito à educação, que é um direito de todos. (Brasil, 2013, p. 105)

O desenvolvimento psicológico da criança se dá nas relações sociais e no processo cultural em que está inserido. Sabe-se que o professor tem um importante papel como mediador, pois é ele que vai ajudar a construir juntamente com a criança a aprendizagem.

Através da múltipla diversidade cultural e social, é importante que o professor e a escola conheçam a realidade do aluno e compreenda seu contexto histórico, para que a partir desse diagnóstico possa elaborar seu planejamento. Conforme Castro e Silva (2012), explicam que o professor precisa conhecer o processo de desenvolvimento da criança e de aprendizagem, para assim, poder aperfeiçoar seus planejamentos e ações de aulas.

Do mesmo modo, Bruno (2013) apresenta métodos e recursos para aluno com deficiência visual, o que demonstra a grande atenção que tanto o professor regente, quanto o segundo professor precisam ter para a alfabetização e letramento de um aluno com deficiência, que se fundamenta uma parceria entre os professores e o Atendimento Especializado.

No caso dos alunos cegos, devem ser disponibilizados: apoio à alfabetização e o aprendizado pelo Sistema Braille; transcrição de materiais para o Braille, produção de gravação sonora de textos; realização da adaptação de materiais sensoriais e em relevo. Para os alunos com baixa visão, tornam-se imprescindíveis: a promoção da utilização de recursos ópticos (lupas manuais e eletrônicas) e não ópticos (cadernos de pauta ampliada, iluminação, lápis e canetas adequadas); a ampliação de material; a promoção de adequações necessárias para o uso de tecnologias de informação e comunicação. (BRUNO, 2013, p. 137)

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013), voltam-se para questões educativas, ao desenvolvimento das capacidades afetivas, físico, psicológico, intelectual e social. Consistem nas atividades lúdicas, jogos, pois é por meio do brincar que a criança começa a desenvolver suas capacidades motoras e cognitivas.

A relação social que se estabelece na escola e dentro da sala de aula, é uma ação fundamental para o seu desenvolvimento, seu conhecimento sobre o mundo e a cidadania. Portanto, nos anos iniciais, torna-se necessário desenvolver ações de grupo e integração, pois é nesses momentos, que a criança passa a se constituir no decorrer da vida.

4. A METODOLOGIA UTILIZADA E OS RESULTADOS DA PESQUISA

De acordo com o que já foi analisado sobre o processo histórico, a alfabetização e a contação de história, a presente pesquisa teve como intenção coletar dados qualitativos, para informar e aperfeiçoar as técnicas e materiais que são utilizados para a contação de história, para crianças com deficiência auditiva ou visual nos anos iniciais das escolas estaduais, na

cidade de Chapecó/SC. Podendo dessa forma, constatar-se a ocorrência ou não da inclusão escolar nesta atividade lúdica.

Para realizarmos o mapeamento das escolas estaduais que possuem alunos nos anos iniciais com deficiência visual ou auditiva, foi necessário como critério de seleção, buscarmos com a Gerencia Regional de Educação (GERED) de Chapecó/SC, no ano de 2016, registros das informações desejadas.

Na realização desta coleta, foram localizadas quatro escolas e as turmas que as crianças pertenciam, e que se enquadraram no critério de seleção. Após a aprovação do Comitê de Ética, que ocorreu em 2017, entramos em contato com as escolas e marcamos as entrevistas. Três das escolas permaneceram com os alunos com deficiência auditiva ou visual, apenas uma escola o aluno havia passado para o 6º ano do ensino fundamental, mesmo assim foi realizada a entrevista com a professora dele do 5º ano. É importante ressaltar que foi feita uma análise dissertativa, por ter uma amostragem pequena. Buscou-se garantir a integridade das respostas fornecidas pelas professoras.

Será utilizada numeração para identificar as escolas e letras em ordem alfabética para mencionar as professoras. Na escola 1 encontrou-se duas professoras, a A do 2º ano, tendo um aluno com deficiência auditiva e visual, a professora B do 4º ano, possui uma aluna com deficiência auditiva e Down. Na escola 2 está a professora C, com aluno do 2º ano, com deficiência visual. A escola 3, a professora D, possui uma aluna do 2º ano, com deficiência auditiva. Já na escola 4, a professora E, contava com seu ex-aluno do 5º ano, com deficiência auditiva.

No momento da entrevista as professoras B e D, autorizaram a gravação e utilização das falas, de forma espontânea e prazerosa em dialogar com as entrevistadoras. No entanto, as professoras A, C e E, preferiram que a entrevista fosse manuscrita.

A partir disso, Gil (2010) afirma que, “A entrevista é portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. (GIL, 2010, p.109)

O tempo de atuação no magistério da professora A é de 22 anos e no momento trabalha apenas na escola 1. A professora B atua a 17 anos e também trabalha apenas na escola 1. Com 8 anos de magistério, a professora C trabalha somente na escola 2. Já a professora D, exerce a função no magistério a 9 anos e atua no período matutino em outra instituição. Por último, a professora E, trabalha apenas na escola 4 e possui 21 anos de magistério.

É possível observar-se que o maior índice de alunos com deficiência nas escolas, foi a de deficiência auditiva, contabilizando 3 crianças, de variados níveis, todos acompanhados na

maior parte do tempo de um professor intérprete de Libras. Porém, uma dessas crianças possui também deficiência visual.

Todas as professoras são pós-graduadas, porém não possuem formação em Educação Especial, já tiveram alunos com algum tipo de deficiência, por exemplo, TDH, discalculia, deficiência intelectual, síndrome de Down, autismo, déficit de atenção, hiperatividade e dislexia.

Durante a entrevista foi questionado às professoras como elas se sentiam ministrando aula para alunos com deficiência auditiva ou visual. Foi identificado em três falas, que demonstraram possuir dificuldade e falta de preparo, os quais desencadeia aflição em não saber como trabalhar com o aluno. Em contraponto, duas professoras expressaram naturalidade no trabalho, já que os alunos com baixa visão utilizam recursos como óculos, aparelho auditivo e o intérprete.

Foi enfatizado por quatro professoras, a prática de contar histórias e sua importância no período de alfabetização. É possível identificar que essa é uma prática prazerosa para as professoras, como demonstra a fala da professora D, e sua expressão que ficou em nossas memórias: “Sim, diária. É a coisa que eu mais gosto. Todos os dias eu conto uma história. Todo o dia eu coloco um saborzinho diferente na minha aula” (Professora D). Conforme Moraes (2012)

Com as características criadas no nosso imaginário, construímos os cenários da história em nossa mente. E, conciliando nosso *tudo poder* e o *nosso tudo saber* com o *em todo lugar* da história *poder estar*, podemos passear pelos ambientes da história enquanto narramos sua introdução, vendo-os de fora, ou mesmo através de uma imaginária vista aérea ao desfiarmos o início dela e aos poucos entrarmos nos ambientes do conto como quem veste uma roupa. (MORAES, 2012, p.41)

A professora B, expressou destaque em sua fala, enfatizando que a contação de história precisa ser contada e pensada para todas as crianças, de acordo com as necessidades e dificuldades do coletivo:

[...] Sempre trabalha com alguma coisa mais diferente. Mas isso, assim, a gente trabalha sempre, independente se tem aluno ou não, a gente trabalha de todas as formas, né! Por que às vezes, nem sempre todos os alunos que a gente acha que é normal (sinal de aspas com as mãos), mas ele é normal, mas ele precisa de ter didáticas diferentes. (Professora B)

A contação de história é uma prática fundamental no processo de ensino e aprendizagem, promove ainda o estímulo ao desenvolvimento do imaginário, devendo ser pensada para os diferentes públicos. Segundo Moraes (2012)

Adequar a escolha da história à necessidade e realidade do grupo para o qual se vai contar também é importante, sobretudo quando o narrador permite um contato que suscite perguntas e respostas internas aos anseios dos ouvintes. Contar histórias não é um monólogo, mas um constante diálogo. (MORAES, 2012, p. 49)

Já a professora C, afirma que dificilmente realiza contação de história, por possuir uma turma muito grande, mas enfatiza, que uma vez por semana realiza aula de leitura, e nesse momento ela escolhe um livro e lê para a turma.

É notório enfatizar os recursos que as professoras utilizam para a prática da contação de história, que são: os fantoches, tom de voz, sons diferentes, imagens, livros adaptados e fantasias. A professora D relatou que:

Procuo trabalhar com fantoches, trazer assim (pausa) me visto como os personagens da Bruxa, da Rapunzel. Pra ela, através da minha imagem, ela consegue viajar na história, porque ela só tá visualizando, ela não tá me ouvindo, né! Assim então, eu acho que pra trabalhar história com a audição você tem que fazer isso, tem que fazer a diferença, né! (Professora D)

A contação de história ou dramatização, deve ser integração entre o adulto e as crianças, de forma que interajam após o espetáculo. De acordo com Dohme (2010), “Após o término, os “atores” ainda fantasiados conduzem um jogo ou um debate, fazendo com que as crianças entrem no clima da fantasia”. (DOHME, 2010, p.157)

Buscou-se saber através das professoras como ocorre o envolvimento da turma com o aluno com deficiência visual ou auditiva. Constatando-se que assim acontece o envolvimento, e cada turma de forma diferente, por exemplo, eles ajudam o colega, fazem duplas, dão incentivo e elogios para o aluno com deficiência. Como é observado na fala da Professora B “Eles elogiam, eles gostam quanto o colega participa, gostam de ajudar. Os alunos da turma são muito participativos, em termos de ajudar, de querer estar junto com eles ali [...]” (Professora B).

As professoras em suas falas destacaram algumas dificuldades sobre a prática da contação de história, que são: não saber libras, não ter um intérprete na sala de aula, falta de criatividade frente às crianças com deficiência auditiva ou visual e também o pouco envolvimento e o gosto pela leitura pela parte dos alunos.

Verifica-se também, a importância do professor regente em aprender Libras, através de cursos ou formação continuada, para dessa forma, aumentar a relação entre professor e aluno. Também é importante a interação entre a professora regente e a intérprete, para a realização do planejamento e adaptação dos materiais, o que foi identificado em algumas falas.

É necessário entender que o aluno com deficiência auditiva ou visual, não é somente aluno da segunda professora, mas também é de responsabilidade da professora regente. Esse aluno faz parte da turma, e ambas professoras devem ter responsabilidade sobre os processos de ensino e aprendizagem do mesmo.

Estar falando de anos iniciais, é sim pensar na alfabetização. Como demonstrado nas respostas, pode-se pensar nas diferentes formas de alfabetizar, ou colaborar para esse processo, o que foi de fundamental significação a identificação da contação de história como sendo uma prática das professoras e a utilização de alguns recursos como uma ação necessária para a alfabetização.

Notou-se que os recursos utilizados pelas educadoras foi de extrema importância, pois observou-se que estão preocupadas em incluir o aluno com os demais, e fazer com que os alunos e alunas sejam alfabetizados através da contação de história.

Foi satisfatório a forma que os educadores receberam as acadêmicas e o entusiasmo de passar sua bagagem de conhecimento de uma forma prazerosa e o incentivo de seguir o mesmo caminho fazendo a diferença.

Percebeu-se que alguns educadores impressionados com as mudanças que vem ocorrendo dia após dia em sua carreira, buscam estar em constante processo de novas aprendizagem, profissionais da área ou formação continuada para contribuir com a escolarização de seus alunos com deficiência auditiva ou visual.

Observou-se ainda através das entrevistas com os educadores em suas falas que a turma tem um imenso envolvimento e respeito pelo aluno com deficiência, e que todos ajudam e compreendem seu colega, motivando em todas as situações vivenciadas na sala de aula e até mesmo na hora do intervalo.

Constatou-se que os educadores se depararam pela primeira vez com aluno de deficiência auditiva e se sentiram angustiada em não saber se comunicar com esse aluno, mas que aos poucos estão procurando ajuda e pretendem fazer a diferença. No entanto, é observado que existe maior atuação do segundo professor em relação a formação do aluno com deficiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa e estudos realizados, observou-se a importância que os educadores têm no processo de ensino e aprendizagem de seus alunos. Questionávamos sobre a existência ou não da contação de história para crianças com deficiência auditiva ou visual nas escolas de Chapecó, e identificamos que existe a adoção dessa prática nas escolas pesquisadas. Observou-se que cada educador tem seu método e recurso, mas buscam incluir o aluno com deficiência visual ou auditiva.

No decorrer dessa pesquisa nos questionamos, sobre novos desafios que podem ser investigados e relacionados a educação inclusiva, por exemplo, como é a relação entre a

professora regente e a professora da sala de recursos? A inclusão é pensada de forma coletiva por essas professoras? As escolas estão adaptadas, em sua estrutura, para as diferentes deficiências?

Diante da breve pesquisa teórica, é observado maior estudo acadêmico voltado para a deficiência auditiva. Dessa mesma forma, é importante destacar que esses materiais servem de apoio para os professores, como um recurso para a formação continuada, como uma forma de auxiliar na inclusão do aluno com deficiência.

Com base na coleta de dados, a análise desenvolvida foi alicerçada nos olhares das entrevistadoras, nas suas vivências e entendimento de mundo. O que pode ser diferenciado se outras pessoas realizassem a análise, podendo identificar pontos diferentes e contraditórios ao que foi apresentado. Levou-se em consideração, as emoções e sensações identificadas no momento da entrevista, pois acredita-se que a postura desenvolvida tem muito o que dizer.

Partindo disso, foi notado que as professoras que não autorizaram a gravação, demonstraram uma apreensão em responderem às perguntas. No entanto, as que autorizaram a gravação, demonstrado maior tranquilidade.

Observou-se que a maioria das professoras pesquisadas, realizam a contação de história através de fantasia, entonação de voz, fantoches e livros adaptados. Percebeu-se que algumas professoras estão preocupadas com o desenvolvimento dessas crianças e procuram estar atualizadas, buscando novas formas de interação com os alunos para que estes aprendam. Foi enfatizado a importância da contação de história no processo de alfabetização e letramento, que ocorre nos anos iniciais.

Este trabalho proporcionou um breve estudo sobre as deficiências auditiva ou visuais e a utilização da contação de histórias através de diversos recursos adaptados, para que todas os alunos cheguem a compreensão e interpretação do viram ou ouviram.

Notou-se como foi de extrema importância a realização deste trabalho final, pois nos proporcionou novos conhecimentos e aprendizagens, referente a relação entre aluno e professor, a importância de estar atento as diversidades e demandas dos alunos, a relevância da constantemente busca por conhecimento e aperfeiçoamento no campo educacional

REFERÊNCIAS

BASTO, A. B. B. I. WALLON E VYGOSTSKY. Psicologia e educação. São Paulo: Edição Loyola, 2014.

BESSAS, A. M. P.; CARDOSO, H. C. de S. O USO DA IMAGEM NÃO- VERBAL NO PROCESSO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS SURDAS. PERQUIRERE: Revista do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão. Patos de Minas: UNIPAM, n. 8, vol. 1, jul. 2011, p. 139-151. Disponível em: http://perquirere.unipam.edu.br/documents/23456/50270/o_uso_da_imagem_ao_verbal_no_processo.pdf. Acessado em: 15 de fev. de 2017.

BRASIL. LEI Nº 10.098, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm. Acesso dia 18 de jan. de 2017.

BRASIL. LEI Nº 12.266, DE 21 DE JUNHO DE 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12266.htm . Acesso dia 22 de jul. de 2017.

BRASIL. DECRETO Nº 3.956, DE 8 DE OUTUBRO DE 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/d3956.htm. Acesso dia 18 de jan. de 2017.

BRASIL. LEI Nº 11.126, DE 27 DE JUNHO DE 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/Lei/L11126.htm. Acessado em: 18 de jan. de 2017.

BRASIL. DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acessado em: 18 de jan. de 2017.

BRASIL. LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acessado em: 18 de jan. de 2017.

BRASIL. Nº 9.394 DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acessado em: 18 de jan. de 2017.

BRASIL. DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRUNO, M. M. G. A ESCOLARIZAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA. In: Meletti, S. M. F.; Kassar, M. C. M. Escolarização de alunos com deficiência: desafios e possibilidades. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, p.129-154.

CASTRO, A. T. K. A.; SILVA, S. ESTÁGIO COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM PROFISSIONAL DA DOCÊNCIA NO CURSO DE PEDAGOGIA. IX ANPED SUL,

Seminário em pesquisa em educação da região sul, 2012, p. 16. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Formacao_de_Professores/Trabalho/02_34_35_532-6902-1-PB.pdf>. Acessado em: 09 de maio de 2016.

DAMÁZIO, M. F. M. ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: PESSOA COM SURDES. SEEP/SEED/MEC. Brasília-DF, 2007. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_da.pdf> Acessado em: 12 de set. de 2016.

DIAS, M. A UTILIZAÇÃO DOS MÉTODOS DE RECURSOS VISUAIS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS SURDAS. Anais do Sielp, 2014. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielpl/wp-content/uploads/2014/11/827.pdf>> Acessado em: 29 de set. de 2016.

GONÇALVES, E. P. INICIAÇÃO À PESQUISA CIENTÍFICA. Ed Alinea - 4ª ed, 2007.

GUGEL, M. A. A PESSOA COM DEFICIÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM A HISTÓRIA DA HUMANIDADE. AMPID – Associação dos Membros do Ministério Público de Defesa dos Direitos dos Idosos e Pessoas Com Deficiência. 2012. Disponível em: <http://www.ampid.org.br/ampid/Artigos/PD_Historia.php>. Acessado em: 12 de dez. de 2016.

GOLDENBERG, M. A ARTE DE PESQUISAR. Record - 12ª ed. 2011.

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. COMO TUDO COMEÇOU. Disponível em:<<http://www.ibc.gov.br/?itemid=106>> . Acessado em: 07 de fev. de 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. INES. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/>>. Acessado em: 25 de jan. de 2017

KASSAR, M. de C. M. UMA BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS NO BRASIL. In. Meletti, S. M. F.; Kassar, M. C. M. Escolarização de alunos com deficiência: desafios e possibilidades. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, p.33-76.

LACERDA, C. B. F. de. SURDEZ E LINGUAGEM: IMPLICAÇÕES PARA AS PRÁTICAS EDUCACIONAIS. In. Meletti, S. M. F.; Kassar, M. C. M. Escolarização de alunos com deficiência: desafios e possibilidades. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, p.171-202.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. METODOLOGIA CIENTÍFICA. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LIMA, M. D. A UTILIZAÇÃO DOS MÉTODOS DE RECURSOS VISUAIS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA AS CRIANÇAS SURDAS. VI Simósio internacional de ensino da língua portuguesa: Língua, texto e ensino. Uberlândia: EDUFU, volume 4, número 1, 2014. ISSN: 2237- 8758. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielpl/wp-content/uploads/2014/11/827.pdf>. Acessado em: 13 de set. de 2016.

MORAES, F. CONTAR HISTÓRIAS: A ARTE DE BRINCAR COM AS PALAVRAS. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOTTA, L. AUDIODESCRIÇÃO NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS. Ver com palavras. 2011. Disponível em <<<http://www.vercompalavras.com.br/blog/audiodescricao-na-contacao-de-historias/>>>. Acessado em: 05 de out. de 2016.

PEDROSO, R. M. C. A ESTRUTURA NARRATIVA DE PROFESSORES-INTÉRPRETES DE LIBRAS EM ESCOLAS DE ENSINO BÁSICO. Orientador Dr. Tarcísio De Arantes Leite. Repositório Institucional UFSC. Florianópolis/SC, 2014, 133p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/128866>. Acesso em: 13 de dez. de 2016.

REGO, T. C. Vygostky: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL DA EDUCAÇÃO. Petrópolis, RS: Editora Vozes, 1995.

SÁ, E. D. de; CAMPOS, I. M. de; SILVA, M. B. C. ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: DEFICIÊNCIA VISUAL. SEESP/SEED/MEC. Brasília- DF, 2007. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_dv.pdf>. Acessado em: 13 de dez. de 2016.

SCHULZE, V. P. QUEM SOUBER QUE CONTE OUTRA: PRODUÇÃO DE UM PROGRAMA AUDIOVISUAL PARA CRIANÇAS SURDAS COM ACESSIBILIDADE PARA OUVINTES. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2015, p. 110. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/7966>. Acessado em: 13 de dez. de 2016.

VYGOTSKY, L. S. A FORMAÇÃO SOCIAL DA MENTE. Seção Braille da Biblioteca Pública do Paraná. Martins Fontes Editora Ltda. São Paulo - SP, 4ª ed.

ANEXO A - Recurso para deficiência visual ou auditiva

ASSIM VIVEMOS. 8º Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência. Disponível em: <http://www.assimvivemos.com.br/2015/pt/filmes/>. Acessado em 08 de dez. de 2016.

AUGUSTO. DICIONÁRIO LIBRAS. Super Modular. Disponível em: http://www.dicionariolibras.com.br/website/index.asp?novoserver1&start=1&endereço_site=www.dicionariolibras.com.br&par=&cupom=&email=. Acessado em: 15 de fev. de 2017.

AZEVEDO, Alexandre César. UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS ADAPTADOS PARA DEFICIENTES VISUAIS. Instituto de Física, UFRJ. 2012. Disponível em: http://www.if.ufrj.br/~pef/producao_academica/dissertacoes/2012_Alexandre_Azevedo/material_didatico_Alexandre_Azevedo.pdf. Acessado em 08 de dez. de 2016.

CAPISTANO, B.G. RECURSOS E ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE PESSOAS COM CEGUEIRA E BAIXA VISÃO. Professora Valdirene Stiegler Simão. Doc Player. Disponível em: <http://docplayer.com.br/6331080-Recursos-e-estrategias-para-o-ensino-de-pessoas-com-cegueira-e-baixa-visao-professora-valdirene-stiegler-simao-valdirene-simao-gmail.html>. Acessado em: 15 de fev. de 2017

COMUNICAÇÃO VISUAL. BAIXA VISÃO E CEGUEIRA. Disponível em: <https://comunicacaoaa.wordpress.com/baixa-visao-e-cegueira/>. Acessado em: 15 de fev. de 2017.

_____. ARCHIVE FOR THE ‘HISTÓRIAS PARA APRENDER’ CATEGORY. Disponível em: <https://comunicacaoaa.wordpress.com/category/historias-para-aprender/>. Acessado em: 15 de fev. de 2017.

_____. OUVIR COM OS OLHOS. Falar com as mãos! Disponível em: <https://comunicacaoaa.wordpress.com/ouvir-com-os-olhos-falar-com-as-maos-2/>. Acessado em: 15 de fev. de 2017.

CONTADORES DE HISTÓRIAS. Dicas e técnicas. Como contar histórias infantis um pequeno manual para contadores de histórias. Cia Arte & Palco. Disponível em: <http://www.contadoresdehistorias.com.br/dicas.html>. Acessado em: Acessado em: 15 de fev. de 2017.

CULTURA SURDA. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS. Repositório on-line de produções culturais das comunidades surdas. Disponível em: <https://culturasurda.net/contacao-de-historias/>. Acessado em: 20 de maio de 2017.

_____. LIVROS E EDITORAS. Repositório on-line de produções culturais das comunidades surdas. Disponível em: <https://culturasurda.net/contacao-de-historias/>. Acessado em: 20 de maio de 2017.

_____. FILMES. Repositório on-line de produções culturais das comunidades surdas. Disponível em: <https://culturasurda.net/contacao-de-historias/>. Acessado em: 20 de maio de 2017.

_____. CURTAS\ANIMAÇÕES. Repositório on-line de produções culturais das comunidades surdas. Disponível em: <https://culturasurda.net/contacao-de-historias/>. Acessado em: 20 de maio de 2017.

_____. SUCESSOS EM SINAIS. Repositório on-line de produções culturais das comunidades surdas. Disponível em: <https://culturasurda.net/contacao-de-historias/>. Acessado em: 20 de maio de 2017.

_____. MÚSICAS COM SINAIS. Repositório on-line de produções culturais das comunidades surdas. Disponível em: <https://culturasurda.net/contacao-de-historias/>. Acessado em: 20 de maio de 2017.

_____. MÚSICAS POR SURDOS. Repositório on-line de produções culturais das comunidades surdas. Disponível em: <https://culturasurda.net/contacao-de-historias/>. Acessado em: 20 de maio de 2017.

FUNDAÇÃO DORINA NOWILL. FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS. Disponível em: < <https://www.fundacaodorina.org.br/>>. Acessado em: 23 de jul. de 2017.

EDITORA ARARA AZUL. MATERIAIS BILÍNGUIS PORTUGUÊS\ LIBRAS. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/site/home>. Acessado em: 15 de fev. de 2017

FAFÁ CONTA. CONTADORA DE HISTÓRIA. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UC9fxSdFjcz5QWDEhYck_k1w. Acessado em: 08 de mar. de 2017.

GAZOLA, André. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: O GUIA DEFINITIVO. Lendo Org. Disponível em: <http://www.lendo.org/guia-definitivo-contacao-historias/>. Acessado em: 14 de mar. de 2017.

LISBOA, E. QUE SERÁ QUE A BRUXA ESTÁ LAVANDO? - com braille. Editora Paulinas. Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/editora/?system=catalogo&filtroBusca=autor&valor=Elizete+Lisboa>. Acessado em 08 de dez. de 2016.

_____. BRUXA MAIS VELHA DO MUNDO - com braille. Editora Paulinas. Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/editora/?system=catalogo&filtroBusca=autor&valor=Elizete+Lisboa>. Acessado em 08 de dez. de 2016.

_____. FIRIRIM FINFIN - com braille. Editora Paulinas. Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/editora/?system=catalogo&filtroBusca=autor&valor=Elizete+Lisboa>. Acessado em 08 de dez. de 2016.

_____. DORINA VIU - com braille. Editora Paulinas. Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/editora/?system=catalogo&filtroBusca=autor&valor=Elizete+Lisboa>. Acessado em 08 de dez. de 2016.

_____. SARITA MENINA - com braille. Editora Paulinas. Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/editora/?system=catalogo&filtroBusca=autor&valor=Elizete+Lisboa>. Acessado em 08 de dez. de 2016.

_____. DANÇA DOWN - com braille. Editora Paulinas. Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/editora/?system=catalogo&filtroBusca=autor&valor=Elizete+Lisboa>. Acessado em 08 de dez. de 2016.

_____. CADÊ O MONSTRINHA? - com braille. Editora Paulinas. Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/editora/?system=catalogo&filtroBusca=autor&valor=Elizete+Lisboa>. Acessado em 08 de dez. de 2016.

_____. ENQUANTO JOÃO GARRACHO DORME - com braille. Editora Paulinas. Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/editora/?system=catalogo&filtroBusca=autor&valor=Elizete+Lisboa>. Acessado em 08 de dez. de 2016.

_____. BEMQUERER BEM AMAR - com braille. Editora Paulinas. Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/editora/?system=catalogo&filtroBusca=autor&valor=Elizete+Lisboa>. Acessado em 08 de dez. de 2016.

MANZINI, E. J.; SANTOS, M. C. F. PORTAL DE AJUDA TÉCNICAS: EQUIPAMENTO E MATERIAL PEDAGÓGICO ESPECIAL PARA EDUCAÇÃO, CAPACITAÇÃO E RECREAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA. Recursos Pedagógicos Adaptados. Brasília - DF, 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/rec_adaptados.pdf. Acessado em: 08 de mar. de 2017.

MARY. JOGO CARA A CARA COM TEXTURAS E CONTRASTE DE CORES. Publicado em 30 de nov. de 2009. Disponível em: <http://blogsixgirl.blogspot.com.br/2009/11/jogo-cara-cara-com-texturas-e.html>. Acessado em 08 de dez. de 2016.

Fotografia 2: Cara a cara com texturas



Fonte: Disponível em: <http://blogsixgirl.blogspot.com.br/2009/11/jogo-cara-cara-com-texturas-e.html>

MATHIS FUN. BRAILLE TRANSLATOR. Disponível em: <https://www.mathsisfun.com/braille-translation.html><. Acessado em: 03 de maio de 2016.

MOLLA LIVRO ACESSÍVEL. A HISTÓRIA DA LEITURA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. São Paulo. Disponível em: <http://www.livroacessivel.org/a-leitura-e-as-pessoas-com-deficiencia-visual.php#top>. Acessível em: 24 de maio de 2017.

PROJETO DOVOX. Núcleo de Computação Eletrônica. UFRJ. Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/>. Acessado em 08 de dez. de 2016.

PROJEOT MECDAISY. MECDAISY. Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/mecdaisy/>. Acessado em: 03 de maio de 2017.

RODRIGÃO, R. B. N. CHAPEUZINHO VERMELHO EM LIBRAS. Instituto Nacional de Educação de Surdos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JuCVU9rGUa8>. Acessado em: 03 de maio de 2017.

RYBENÁ. Inclusão Digital em Libras e Voz. Comunicação Acessível. Instituto CTS. Disponível em: <http://portal.rybena.com.br/site-rybena/conheca-o-rybena>. Acessado em: 03 de maio de 2017.

SÁ, E. D. de; CAMPOS, I. M. de. C; SILVA, M. B. C. ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: DEFICIÊNCIA VISUAL. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_dv.pdf. Acessado em 08 de dez. de 2016.

SALDANHA, O. M.; FERNANDA, D. ARTE-EDUCAÇÃO POR MEIO DE OUTROS OLHARES... 'ENSINANDO DESENHOS PARA CRIANÇAS CEGAS'. Publicado em: 18 de agos. de 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=decBO5FjjMk>. Acessado em: 24 de maio de 2017.

SANTOS, R. D. dos. RECURSOS PARA DEFICIÊNCIA VISUAL. Teatro Cego/Matéria. Disponível em: <http://aeeufc2013rosana.blogspot.com.br/>. Acessado em: 08 de dez. de 2016.

SANTOS, R. D. dos. LIVROS DIDÁTICOS E LEITURAS ADAPTADAS. Disponível em: <http://aeeufc2013rosana.blogspot.com.br/>. Acessado em: 08 de dez. de 2016.

Fotografia 3: Livros didáticos e literatura adaptada



Fonte: Disponível em: <http://aeeufc2013rosana.blogspot.com.br/>.

SIMÃO, Valdirene Stiegler. RECURSOS E ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE PESSOAS COM CEGUEIRA E BAIXA VISÃO. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/05_07_2010_13.47.58.f1e04ed09e4fcd73d246a08cccc694a6.pdf. Acessado em: 03 de maio de 2017.

SILVA, R. LIBRAS EM PRÁTICA. O patinho feio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sBBulj3HOtM>. Acessado em: 03 de maio de 2017.

SILVA, É. LIVRO SENSORIAL: INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WgUChYcxEa>. Acessado em: 24 de maio de 2017.

STORY CRAFT. Storytelling. LOTTERY FUNDED\ ARTS COUNCIL ENGLAND. Disponível em: <http://storytelling.worldbookday.com/>. Acessado em: 08 de dez. de 2016.

TECASSISTIVA, Tecnologia & Acessibilidade. MAGIC 12. Disponível em: <<http://www.tecassistiva.com.br/component/spidercatalog/showproduct/492/31>>. Acessado em: 03 de maio de 2017.

TERRA ELETRÔNICA. PRODUTOS ESPECIAIS PARA PESSOAS ESPECIAIS. Disponível em: <http://www.terraeletronica.com.br/home.html>. Acessado em: 25 de maio de 2017.

VIRTUAL VISION. ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. MicroPower. Disponível em: <http://www.virtualvision.com.br/>. Acessado em: 03 de maio de 2017.